

RICARDO III – A IDEOLOGIA DO MAL: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Germano Vollmer Filho^{*}, SPPA
Aldo Duarte^{**}, SPPA
Alice Bugin^{*}, SPPA
Denise Lahude^{*}, SPPA
Flávia Maltz^{*}, SPPA
Guilherme Galant Vollmer^{*}, SPPA
Suzana D. Fortes^{***}, SPPA

Resumo

No presente artigo os autores se propõem a estudar a formação de traços de caráter em Ricardo III a partir da peça de Shakespeare, utilizando conceitos psicanalíticos. Partindo da ideia de Freud da total desvalia do ser humano, são utilizados os conceitos de autores que enfocam as primitivas relações de objeto como Fairbairn e Grotstein. Baseados nestes entendimentos são reconstruídas as origens do funcionamento mental de Ricardo III que determinaram seus traços de caráter.

Descritores: Ricardo III, rejeição, caráter, maldade, desamparo, relação de objeto.

Observação: Serão apresentadas partes da obra e/ou do filme durante a exposição deste trabalho.

^{**} Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre - SPPA.

^{**} Membro Aspirante da SPPA.

^{***} Membro Associado da SPPA.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

"Nós somos feitos do tecido de que são feitos os sonhos."

(Shakespeare, p. 48)

- *We are such stuff as dreams are made on* -

Harold Bloom (2000) afirma que Shakespeare nos ensinou a compreender a natureza humana. Dentre tantas, uma de suas funções é dar vida à mente. Personagens como Falstaff, Hamlet e Ricardo III constituem a invenção do humano, a instauração da personalidade conforme hoje a conhecemos, mas a personalidade no sentido aqui proposto é uma invenção shakespeariana e tal feito constitui não apenas a grande originalidade de sua obra, mas também a razão maior de sua perene presença. Shakespeare incute em seus personagens uma dimensão interna através da geração de significado, em lugar de sua mera repetição, como também da criação de novas formas de consciência. A introspecção surge de maneira mais radical do que previamente havia sido possível na literatura. Tornou-se mestre da sondagem do abismo existente entre o ser humano e seus ideais (Bloom, 2000, p. 26).

Somos incapazes, por exemplo, de resistir ao terrível fascínio de Ricardo III que faz de nós um Maquiavel. Ricardo faz de cada um de nós uma Lady Anne, assim revelando a profunda dependência observada em qualquer público no simples ato de se reunir para assistir a um espetáculo. S. não sobreviveria tantos anos causando tamanho impacto se não fossem encontrados os traços de seus personagens nos seus leitores e expectadores.

A conexão que sentimos com seus personagens é o que expressa a existência, em grau menor ou maior, destes aspectos em todos nós, em qualquer época e em qualquer lugar. Segundo Grotstein (2003), através da transidentificação projetiva identificamo-nos com algo se há ressonância em algum objeto interno nosso.

RICARDO III – A Peça

Sobressai nesta peça a vitalidade do caráter de Ricardo. Sem desfazer a dimensão histórico-social e cultural da peça, consideramos que nela o que se destaca são os traços de caráter de Ricardo.

Para criar Ricardo III, Shakespeare juntou uma série de obras anteriores e características tais como a sedução, a dissimulação, a vingança, o humor negro e o cinismo, concebendo este personagem absolutamente marcante e perverso que reuniu características essencialmente humanas, em suas origens.

Ricardo abarca aspectos negados e dissociados, presentes em todos nós em combinações variadas fascinando-nos por sua maldade.

Rejeitado, prejudicado pela natureza, sente-se credor, na sua ótica, ou seja, o mundo deve para ele.

Shakespeare não **induziu** a (criou) juízo de valor, ao nos apresentar a história desse personagem que é, acima de tudo, humano. Ricardo é agente de seus atos, diferentemente do que havia até então na literatura, em que se atribuía à natureza, aos deuses, ao destino a responsabilidade dos acontecimentos.

Em Shakespeare os personagens, e nesta peça, particularmente Ricardo, é quem define os acontecimentos através da estrutura de seu caráter e de seu mundo interno. E este é o nosso tema de interesse, como psicanalistas - o caráter, sua formação e suas vicissitudes.

Assim, a pluridimensionalidade do caráter de Ricardo, leva-nos a identificar as nuances da formação do mundo interno, encontrando neste personagem as mais diversas vertentes psicanalíticas acerca da formação da mente.

Reside aí a genialidade de Shakespeare, em antecipar várias das teorias da formação do mundo interno.

Na verdade, Freud mergulhou em Shakespeare e na tragédia grega para formular sua teoria. Procuraremos relacionar algumas cenas da peça com estas teorias, tentando demonstrar como ele pode apreender o que, posteriormente, foi sistematizado na psicanálise, criando personagens que expressam o humano e seu interior em toda a sua extensão e principalmente profundidade.

Shakespeare descreveu na peça as origens dos principais traços que caracterizaram seus personagens e como surgiram as primeiras relações de objeto que determinaram a estruturação psíquica de Ricardo III em seu comportamento.

Selecionamos duas falas que nos pareceram ilustrativas, a primeira acerca do dramático monólogo onde Ricardo localiza as origens de seu comportamento:

O amor rejeitou-me no útero de minha mãe
 E por esta razão não vou lidar com suas suaves leis
 Porque corrompeu a frágil natureza com algum suborno
 Para encolher o meu braço como um arbusto seco
 Para construir uma invejável/invejosa corcunda nas minhas costas
 Onde assenta deformidade para debochar do meu corpo
 Para moldar minhas pernas de um tamanho desigual
 Para causar desproporção em cada parte
 Como um caos, como um urso nascido fora de época
 Que não carrega outra impressão senão a desgraça
 (Ato III, cena dois, linhas 153-162).

(Asimov, 1970, p. 654)*

Revela-se, neste verso, a vivência e a crença de Ricardo de ter sido rejeitado desde o ventre materno, atribuindo à mãe a responsabilidade de suas deformidades.

Justifica, a partir daí, seus atos perversos.

O olhar da mãe delinea o destino da formação do bebê.

O caráter do indivíduo se funda a partir das primeiras relações e a criança, devido à extrema dependência da mãe (ou cuidador que a represente), sente-se profundamente ligada aos aspectos tanto sedutores quanto rejeitantes da mesma.

De forma que toda relação frustra e gratifica. O bebê vai se formando a partir de sua percepção dos movimentos de sedução e rejeição de sua mãe (Fairbairn, 1952).

Os objetos excitantes e rejeitadores passam a fazer parte dos objetos do mundo do bebê que são,, muitas vezes, sentidos como intoleráveis. Assim, o bebê internaliza a situação traumática, bem como a maldade e a excitação ocasionadas pelos objetos reais, para poder controlar o insuportável. Desta forma estes aspectos passam a fazer parte do funcionamento do ego (Fairbairn, 1952).

Ricardo, para dominar tamanho trauma de rejeição, internaliza a maldade atribuída a sua mãe em conluio com a natureza, tornando-se ele a encarnação do mal.

* Tradução livre do autor

Já terá ela esquecido o formoso Príncipe
Eduardo, seu senhor, que eu, há cerca de três
[meses,

Agastado apunhalei em Tewkesbury?
Fidalgo mais galante e mais gentil,
Fruto duma natureza generosa,
Jóvem, animoso, sábio, e sem dúvida qualquer de
[régia estirpe,

Não pode o vasto mundo de novo engendrar.
Porém, ela aceita baixar a vista sobre mim,
Que colhi a dourada primavera deste doce Príncipe
E que a tornei viúva em doloroso leito?
Sobre mim, que inteiro não igualo metade de
[Eduardo?

Sobre mim, que coxeio e sou assim disforme?
O meu ducado contra um mísero vintém,
Tenho, todo esse tempo, medido mal minha
[pessoa! (...)”

(Shakespeare, 1981, p. 31 a 36).

Nesta fala da sedução de Anne é onde aparecem a rivalidade e a inveja do irmão e a forma como tenta resolver sua desvalia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da leitura da peça concluímos que Ricardo fez da vida uma cruzada para ser aceito. Ele esperava que, conquistando a coroa, finalmente obteria o tão desejado reconhecimento materno.

Entendemos, que partindo do extremo desamparo e dependência do ser humano do objeto cuidador e do profundo impacto que exercem as experiências de rejeição, Ricardo estruturou seu caráter. Seu *self* central permaneceu soterrado e dominado pelas identificações defensivas, e maciças, com o objeto sedutor e rejeitante, sua mãe (Fairbairn, 1958).

Entretanto, com todo o poder conquistado e após todos os assassinatos perpetrados por ele, não conseguiu atingir seu mais recôndito objetivo, “curar” o desamparo e rejeição de seu *self*.

Referências:

1. Asimov, I. (1970). *Asimov's guide to Shakespeare*. New York: Cramercy Books.
2. Bloom, H. (2000). *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva.
3. Fairbairn, W.R.D. (1952). *Psychoanalytic studies of the personality*. London: Tavistock.
4. _____. (1958). On the nature and aims of psycho-analytical treatment. *Int. J. Psycho-Anal*, v. 39, n.5, p. 374-385.
5. Freud, S. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 20, 1969.
6. Grotstein, J. (2003). Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas. Rio de Janeiro: Imago.
7. Shakespeare, W. (2003). *Ricardo III*. Lisboa: DIFEL.